

Ruralidades que atravessam a formação: histórias de vida de professores iniciantes da zona rural

Ruralities that cross the formation: life histories of beginner teachers of the rural zone

Lúcia Gracia Ferreira,¹Rosa Maria Moraes Anunciato.²

Resumo: A partir da pesquisa qualitativa, da abordagem (auto)biográfica e do método das histórias de vida, foi desenvolvida uma pesquisa-formação com vistas a desvelar as trajetórias formativas de dois professores iniciantes da zona rural dos municípios de Macarani e Maiquinique, na Bahia. Os dados foram produzidos entre os anos de 2011 e 2012, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos/UFSCar, a partir de uma investigação de doutoramento. Foram utilizados como fontes para produção dos dados cartas, diário e entrevista narrativa, por meio dos quais pudemos remeter à memória dos participantes, buscando compreender aspectos das suas vidas-formação. O estudo constatou que o caminho da aprendizagem da docência de professores rurais é longo e carregado de peculiaridades e que as dimensões social, cultural, pessoal e profissional compõem a produção/mobilização de saberes desses docentes iniciantes. Ainda, que dificuldades que perpassam pela falta de formação inicial e continuada, relacionadas ao contexto de atuação e as condições para o desenvolvimento do trabalho docente foram também evidenciados. Portanto, percebemos ruralidades que atravessam a formação e compõe as histórias de vida de professores iniciantes da zona rural.

Palavras-chave: Formação; Professores Iniciantes da Zona Rural; Docência.

Abstract: Based on the qualitative research, (autobiographical) approach and the method of life histories, a research-training was developed with the aim of revealing the formative trajectories of two beginning teachers from the rural areas from the cities Macarani and Maiquinique in Bahia. The data were produced between the years 2011 and 2012, within the scope of the Graduate Program in Education of the Federal University of São Carlos/UFSCar, based on a doctoral research. Letters, diary and narrative interview were used as sources for the production of the data, through which we could refer to the participants' memory, seeking to understand aspects of their lives-formation. The study found that the way of teaching learning of rural teachers is long and loaded with peculiarities and that the social, cultural, personal and professional dimensions make up the production / mobilization of knowledge of these beginner teachers. Even, the difficulties that arise from the lack of initial and continuing training,

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professora Adjunta da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)/Centro de Formação de Professores. Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação e Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Pós-doutorado em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Pós-doutorado em Letras pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Líder dos Grupos de Pesquisa/CNPq: Docência, Currículo e Formação (DOCFORM).Centro de Pesquisa e Estudos Pedagógicos (CEPEP).

² Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).Professora Associada da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar); Docente credenciada no Programa de Pós-Graduação em Educação; Grupo de Pesquisa “Estudos sobre a Docência: Teorias e Práticas”; Bolsista de Produtividade nível 2.

related to the context of action and the conditions for the development of teaching work were also evidenced. Therefore, we realize ruralities that cross the formation and compose the life histories of beginning teachers of the rural zone.

Keywords: Formation; Beginners in the Rural Area; Teaching.

Este trabalho analisa dados de uma pesquisa realizada entre os anos de 2011 e 2012, nos municípios baianos de Macarani e Maiquinique, com dois professores da zona rural em início de carreira. A investigação pautou-se numa pesquisa-formação, pela abordagem qualitativa, a partir da (auto)biografia e do método das histórias de vida. Os dados deste estudo foram produzidos por meio de instrumentos como as cartas, a entrevista narrativa e os diários. As narrativas de formação foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho, pois através delas foi possível analisar como as narrativas (auto)biográficas se configuram práticas de formação nos anos iniciais da carreira profissional docente de professores da zona rural.

Trata-se de uma pesquisa de doutorado desenvolvida a partir do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos/UFSCar. Assim, algumas reflexões foram realizadas sobre as potencialidades das narrativas, pois estas se constituíram em fontes essenciais para desvelar as histórias de vida-formação desses professores iniciantes da zona rural.

Os colaboradores dessa pesquisa, um professor com formação em magistério e uma professora com formação em nível médio, cujos nomes foram substituídos por pseudônimos, iniciaram sua carreira docente em classes multisseriadas, de jovens e adultos, na zona rural, sendo que, Matilde morava “na roça” e Cientista morava na cidade, ia para o trabalho e retornava todos os dias. Nessa itinerância, as relações foram estabelecidas e os vínculos foram construídos. Os professores revelam a construção do *habitus* profissional como um produto de relações dialéticas que variam entre a externalização e a interiorização.

Ruralidades e formação

As ruralidades são representações sociais, construídas culturalmente. Para Menegati e Hespanhol (2005, p. 2), “a ruralidade resultaria das características de tudo que se relaciona à vida rural, às condições materiais e morais da existência das populações rurais”. Percebemos que estas ruralidades perpassam pela formação, a docência, as práticas pedagógicas, o planejamento, a escola, as aprendizagens, a carreira. Portanto, vale ressaltar a importância de se voltar o olhar para essas questões em um trabalho dessa natureza.

É fato que as dificuldades do início da docência estão presentes em todos os lugares, contudo que algumas questões são inerentes ao contexto rural. Isso é confirmado através das narrativas dos professores colaboradores, aqui apresentadas. Assim, as ruralidades que atravessam a formação se revelam nas narrativas que interceptam as diferenças contextuais e formativas.

Nesse contexto, Matilde, uma das depoentes, demonstra que o receio de ser professora sem a devida formação antecedeu ao seu ingresso na carreira docente. Expressa a relevância do apoio profissional recebido, dos

coordenadores, de professores experientes, de sua irmã que cursou o magistério e já havia lecionado, no início desse processo. Isso pode ser observado das narrativas, em que descreve seu percurso, apresentadas a seguir:

Eu fiquei meio receosa porque eu não fiz magistério, e o magistério tinha toda essa preparação, formação geral é diferente. Eu tive muita dificuldade, eu procurava J. e Jo. pra me dar alguma orientação, mas em termos de chegar lá na sala, me apresentar eu não tive dificuldade, nem de ensinar porque eles me ajudaram bastante, me davam plano, essas coisas, me explicavam tudo. Eu aprendi fazer planejamento no caderno. Eu tenho uma irmã que fez magistério, ela já deu aula também e isso me ajudou bastante. Então pra mim foi difícil, eu sei, porque eu não tinha experiência, mas todo mundo me ajudou. (Entrevista – Matilde).

Eu não podia falhar, pois F. e J.³ contavam com o meu bom resultado para com os alunos. Abracei essa oportunidade e, graças a Deus, eles têm gostado muito do meu trabalho. E cada dia que passa procuro melhorar ainda mais. (Matilde – Carta 6).

Eu me sinto super realizada como professora e também preparada para enfrentar as dificuldades que existe no ensino da zona rural. (Matilde – Carta 7).

O receio de assumir a responsabilidade de educar, sem um conhecimento mínimo, faz parte do início da carreira de Matilde. O que lhe causava insegurança era o medo de fracassar, não poder corresponder à confiança depositada nela. Ensinar (didática, metodologia) não foi algo considerado difícil.

Matilde revela que aprendeu a fazer o planejamento das atividades semanais e como a falta de experiência tornava as coisas difíceis. Nessa fase, os caminhos são sinuosos e as escolhas nem sempre são apropriadas, mas as vivências da prática possibilitam experiências que os levam a refletir sobre a prática.

A insegurança e a instabilidade foram demonstradas, mas também as descobertas. Nesse processo, a identidade foi sendo desvelada. Os dilemas encontrados, ao trabalhar na zona rural, foram superados pelo poder do desejo de superar as dificuldades, com o intuito de permanecer nesse contexto. Os desafios de ser professor iniciante na zona rural foram vistos como um caminho a ser percorrido, tendo como foco a aprendizagem da docência. Ser professor iniciante da zona rural é isso. Os envolvidos são levados a refletir e mergulhar em um processo de aprendizagem e ressignificação da docência. Vemos essas aprendizagens serem transformados em saberes que, segundo Tardif, Lessard e Lahaye (1991, p. 220) “brotam da experiência e são por ela validados. Incorporam-se à vivência individual e coletiva sob a forma de *habitus* e de habilidades, de saber fazer e de saber ser”. Assim, Matilde constituiu-se professora.

Nessa perspectiva, Cientista também aponta suas dificuldades e desafios que possibilitam as aprendizagens de ser professor em início de carreira. Conforme descrito abaixo:

³ Os coordenadores das escolas rurais de Macarani.

Por ser uma turma de trabalhadores rurais, o que mais querem aprender é a escrever e a ler corretamente e a fazer contas, que possa auxiliá-los no trabalho diário. Sendo isso meu grande desafio foi “alfabetizar alunos que já diziam alfabetizados”. (Cientista – Carta 2).

Não sei se percebeu, mas, gosto muito de desafios, e o concurso público para mim, foi um grande desafio. Há algum tempo não estou em sala de aula, e quando saiu o edital do concurso, a conselho da minha irmã O. (professora de Biologia) e minha esposa, resolvi fazer o concurso. Como tenho o magistério por formação, fui apto a me inscrever. Quando passei no concurso, fiquei muito feliz, e encarei mais esse desafio em minha vida.

Esse diário está sendo bem difícil para mim, um porque não tinha a rotina de escrever todos os dias e ainda mais falar sobre o meu dia com outra pessoa. (Cientista – Carta 3).

Agora sobre a carta de hoje, as dificuldades existem como em toda profissão. Para mim a maior dificuldade foi ter em mãos uma sala mista com alunos adultos de um acampamento MST⁴. Tive praticamente que alfabetizar alunos que já eram alfabetizados, mas que tinham muita dificuldade em ler e escrever e fiquei muito alegre ao término do ano por ver meus alunos escrevendo e lendo melhor. Isso para mim é uma vitória. (Cientista – Carta 9).

A maior dificuldade de um professor de zona rural é ter que fazer malabarismo para prender atenção dos alunos, se de repente eles não gostam de seu trabalho, eles vão embora e não voltam mais nunca. (Entrevista – Cientista).

Foi uma experiência boa, sim, mas trabalhar na zona rural é aquela dificuldade que todo mundo já conhece, chuva, lama, distancia, você precisa se organizar mais cedo e sair mais cedo, foi melhor zona rural por eu ter dificuldade de dicção. (Entrevista – Cientista).

Falar de nós mesmo, nunca é fácil, mais vamos lá. (Cientista – Carta 4).

O ingresso na carreira deu-se por influência familiar (irmã e esposa) e através de concurso público. O sentimento gerado em torno da aprovação foi o de felicidade, pois foi mais um desafio vencido por Cientista. Porém, muitas dificuldades ligadas à docência, na escola rural, foram citadas, inclusive lecionar em uma classe multisseriada. Essas classes não são inerentes ao contexto rural, mas é onde são mais frequentes. O desafio de iniciar a carreira nessa modalidade, e ainda com adultos, não alfabetizados é demasiadamente complicado, entretanto, Cientista descreve o prazer de vê-los lendo e escrevendo melhor ao final de um ciclo de aprendizagem. Cientista vivenciou essa realidade, apontou que essa experiência serviu como ensinamento e crescimento profissional.

Comenta também outras dificuldades advindas da profissão, como ter que dar conta de metodologias variadas para chamar atenção dos alunos. Inovar a didática para possibilitar aos alunos outras maneiras de aprender. A prática pedagógica foi sendo aprendida por Cientista.

⁴ Movimento Sem-Terra.

Não obstante a esses desafios, Cientista sofreu outros percalços, como percorrer grandes distâncias em caminhos com lama e chuva, em determinadas épocas do ano. Essa é uma condição da docência nesses espaços isolados. Em decorrência disso, faz-se necessário aprender a administrar o tempo, por ter que sair mais cedo de casa. Assim como outros, esses desafios foram enfrentados e vencidos no primeiro ano da carreira. Nesse período, saberes foram construídos e mobilizados durante o exercício da docência. A aprendizagem da docência ocorreu na prática.

Conforme Ribeiro e Souza (2011, p. 170), nessa fase inicial:

Ao relatarem as experiências marcantes da carreira, aquelas que reportaram aprendizagens significativas, elas oferecem pistas para pensar a formação docente, uma vez que entrecruzam diferentes entradas formadoras e (auto)formadoras. Citam pessoas, apontam espaços, dizem de tempos e falam de práticas pedagógicas, enquanto marcam outras dimensões pelo silêncio, apontadas por uma memória que esquece para lembrar.

Esse é o movimento da aprendizagem que compõe os percursos formativos do professor. Nessa perspectiva, quanto ao ciclo inicial da vida profissional docente de Cientista, este é demarcado por opiniões e escolhas. Nessa primeira fase da carreira ele revela aspectos da especificidade rural, conforme narrativa abaixo:

Se fosse pra eu ter escolhido se daria aula na zona rural ou na cidade, eu posso dizer pra você que eu iria preferir a zona rural, porque na zona rural não depende apenas de conhecimento pedagógico, tem que ter um conhecimento seu, um conhecimento do ser humano de saber tratar, saber conversar, ser amoroso. Essa questão mesmo de ser uma sala multisseriada, requer um conhecimento que talvez pra mim não seria problema, o que eu sei é muito fácil passar para uma pessoa de zona rural, é uma coisa mais fácil de você estudar e passar para eles. O pessoal da zona rural é um pessoal carente, e se, de repente, você cobrar demais, não vai adiantar, você se prender muito em um assunto mostrar que sabe muito e não cativar uma amizade, não vai adiantar. Eles precisam olhar pra você e ver não só um professor, mas ver um amigo um companheiro. Se você não estiver preparado pra ele ver tudo isso em você, pode ter certeza que você vai fracassar. Eles vão dizer, 'ah! eu não vou aprender isso, e eu não entendo isso' e ele pode te achar até um chato. Eu saí hoje da zona rural. O pessoal me encontra na rua e me abraça, muitos iam porque queriam aprender, outros porque eu estava lá, eu abraçava, conversava, incentivava e etc. [...]. Eu tinha treze alunos, era à noite e uma sala de jovens e adultos, de 1ª a 4ª série, tinha pessoas até de 65 anos. Eu não vejo a zona rural como uma coisa ruim não. Teve alguns desafios como a questão do transporte, dinheiro, mas o problema maior era eu engajar, eu entrar na área. Não era nem tanto questão de conhecimento, era dar aula mesmo, nervosismo na hora de falar, me tremer todo, mas assim, era uma preparação pra você partir pra qualquer outro lugar, são degraus pra você subir. É uma coisa é certa, conta e muito, é coisa pra você somar, não pra diminuir. A escola é cerca de oito quilômetros daqui [da cidade de Maiquinique]. [...]. Eu poderia não ir pra lá, só que quem está começando, você tem que mostrar que, eu acho interessante que quando você está começando, você está com vontade de vencer qualquer desafio. Eu gosto de desafio. Essa é uma maneira das pessoas acreditarem em você, mesmo que não seja no momento o melhor pra você, mas que no futuro possa te favorecer, eles

possam dizer, não, é esforçado, tem condições. Isso que eu prefiro que falem a meu respeito. [...] Eu posso dizer que eu venci, consegui conciliar o trabalho na oficina e dar aula durante a noite, foi um desafio vencido. Hoje mesmo eu já não tinha tanto tempo pra preparar aula, aí fiz concurso passei. Agora fazendo faculdade, ocupa bem mais meu tempo, assistir um filme, socializar com os colegas. Hoje o que me atrapalha e me cansa é fazer faculdade, ocupa bem mais meu tempo, mas eu tô trabalhando no que eu gosto. (Entrevista – Cientista).

Como ontem não teve aula, hoje iria dar o mesmo assunto de ontem, fui para escola de moto, minha aluna já estava no acampamento e fui direto para escola. Quando cheguei, verifiquei que a energia ainda não tinha sido consertada e esperei os alunos chegarem para avisar que não teria aula novamente. (Diário – Cientista – 18/05/2011).

Como não havia avisado aos alunos, e é de costume levar água para os alunos (galões de 20 litros, pois no acampamento não tem água potável), então às 17:00 fui de carro levar a água dos alunos e avisá-los e convidá-los para a festa de adoração a Deus. (Diário – Cientista – 20/05/2011).

A primeira semana de aula não teve aula, conversei com alguns alunos sobre a importância deles irem às aulas, pois com pequena frequência a escola pode fechar. (Diário – Cientista – 07/07/2011).

O início da carreira de Cientista, como ressaltado por Huberman (1992) e Gonçalves (1992), é marcado por dificuldades e descobertas. É nesse período que surgem perguntas como: Que professor ser? Como ser? Essas indagações foram feitas pelo colaborador dessa pesquisa. Marca o início da narrativa uma preferência, lecionar na zona rural. Arrisca-se a dizer que os conhecimentos pedagógicos não são tão importantes para as escolas rurais. Afirma que o saber que possui será suficiente para “passar” para os alunos da zona rural. Então, surgiram questionamentos: Será que é pelo fato dos alunos terem “menos” conhecimento escolar? Ou porque qualquer tipo de educação para a zona rural seria satisfatório? E se fosse à zona urbana? Pensaria da mesma forma? Talvez o que ele saiba seja o básico, mas não o necessário para lecionar. Contudo, busca estudar, conhecer mais para ensinar, porque reconhece que os saberes se renovam e experimenta essa proeza. Em qualquer ambiente de ensino, os conhecimentos pedagógicos são indispensáveis. A esse respeito, Pimenta (2007) apresenta alguns saberes da experiência, saberes do conhecimento (que se referem à formação específica – matemática, geografia etc.) e saberes pedagógicos como conhecimentos imprescindíveis para o desenvolvimento do trabalho docente.

A desvalorização de alguns saberes em detrimento de outros se constitui como um erro. Os saberes precisam ser integrados para a superação de muitos desafios. Para atuar na zona rural, alguns saberes são substanciais. Cientista demonstra ter tentado adquiri-los/construí-los. Sobre essa questão, Jesus (2003) aponta esses saberes, ao referenciar o processo de constituição de ser professor, vivenciado por uma de suas colaboradoras que iniciou a carreira na zona rural:

Na zona rural a coisa é diferente. Você é muito importante para os alunos e até para a comunidade, você entendeu como? Você é uma pessoa, você é

importante, eles gostam de você, você tem valor. [...] Então eu fiquei na zona rural, em escola isolada, tenho carinho até hoje pelos alunos que eu tive. Lá eu me sentia mais importante. [...] Eu trabalhava, tinha mais carinho, eu andava de carro, acordava de madrugada, às vezes ia de caminhão do leite, corria de boi, essas coisas todas, mas eu gostava. Não sei se era só pelo pouco tempo de magistério, se era até da minha idade, porque eu era muito nova, então eu gostava de fazer aquilo. Lá você é mais feliz. Você não é um entre vários. Você é só você, entendeu? (2003, p. 34-35).

A citação faz referência a saberes diferentes, aprendizagens da docência, superação de desafios, dificuldades, aquisição de saberes contextuais, constituição, subjetividades. Cientista narra percalços que são específicos do contexto rural, portanto, evidentes e recorrentes apenas nesse espaço.

Nessa perspectiva, Jesus (2003) e Cientista mostram que ser professor na zona rural é diferente, porque é necessário ser mais que professor. Essa especificidade precisa ser valorizada na formação, não pode passar despercebida desse processo formativo. E depende não só de saberes acadêmicos, científicos, mas de outros, relativos à vida e aos costumes locais. Essa formação não se adquire durante um curso de licenciatura ou participando de um seminário, não dependem somente de políticas públicas. São situações únicas que mostram a construção do *habitus* profissional – o jeito de ser, de ensinar, de se relacionar com os alunos – essa é condição necessária para alcançar os objetivos do ensino na zona rural. O citado autor, diz que o sucesso a conquistar, nesse meio também depende disso. E mesmo quando não se leciona mais nesse contexto, as aprendizagens perduram e o reconhecimento também.

Cientista viu de perto, no começo de sua carreira, o descaso para com as escolas rurais. Expôs problemas como a falta de água potável, de energia elétrica que durante dois dias impediu o funcionamento normal da escola. Essa e outras coisas fazem parte da realidade rural. Essa é a política que rege as escolas rurais no Brasil há muito tempo.

Para Cientista, obstáculos políticos como a remuneração e o transporte foram considerados pequenos diante da socialização com os alunos - um dos seus maiores dilemas. Relacionar-se com os alunos era uma dificuldade pessoal. Expressa fatores que são peculiares ao ciclo inicial da docência, como por exemplo, a dificuldade para ensinar, a didática, a metodologia, o nervosismo para falar, a tremura ao ministrar as aulas. A superação desses desafios tornou sua tarefa mais fácil. Esses problemas fazem parte da etapa de adaptação que contém momentos de insegurança, tantas dificuldades resultaram em aprendizagens, que, segundo ele, o prepararam para atuar em qualquer outro lugar como professor, demonstrando que aprende com os desafios, as dificuldades e descobre com os dilemas.

Na fala de Cientista, fica claro que professor iniciante não tem escolha, deve ir para a escola em que for lotado, seja na zona rural ou urbana. Não escolheu ir para o campo, mas se esforçou para desenvolver um bom trabalho. Adianta que começar na zona rural é mais fácil, pois dá base para a docência em outros contextos – mais fáceis ou mais difíceis. Vimos narradas a euforia do início, descobertas, aprendizagens, construção de uma imagem docente, obediência/aceitação, que são condições de iniciante.

O principal desafio vencido foi conciliar a escola e a oficina, dois trabalhos diferentes no começo da carreira docente. Lembra-se de cursar uma

faculdade como algo cansativo, por ser um trabalho mental, intelectual; produzir saberes acadêmicos enfada, mas é satisfatório. Cientista foi se revelando o professor em construção.

Iniciar a carreira na zona rural é de fato desafiador. Cientista diz que saber dialogar é um dos pontos fortes para se integrar, já que são pessoas marginalizadas pelo sistema de ensino. O professor da zona rural precisa mostrar, para os alunos, que eles não estão predestinados ao fracasso⁵, que é possível vencer. Para isso, o professor precisa ser primeiro motivado, para então, motivar os alunos. A escola rural é um lugar de socialização e o professor precisa ter consciência disso.

Freitas (2002, p. 156), aponta que:

Entendemos que o processo de socialização profissional constitui-se na aprendizagem dos valores, crenças e formas de concepção do mundo próprios de uma determinada cultura ocupacional. Esse processo pode ser identificado com a aquisição de um *ethos* profissional, tácito, não necessariamente expresso em palavras, que dá ao agente em socialização o sentido do jogo, isto é, oferece-lhe as condições necessárias para discriminar como deve se portar e atuar, qual o grau de tolerância do grupo profissional para com as diferenças e divergências, que expectativas profissionais pode alimentar, que questões podem ser explicitadas, quando, como e a quem se dirigir, o que deve ser valorizado e o que deve ser esquecido ou, pelo menos, não problematizado explicitamente. Contudo, o processo de socialização não ocorre de forma linear, através de uma incorporação progressiva dos valores do grupo de pertencimento, nem o agente socializado é objeto passivo dos agentes e condições socializadoras. Consideramos, então, que, para a compreensão do processo de socialização profissional, é necessário levar em conta tanto a história do professor iniciante, suas expectativas e projetos quanto as características do grupo profissional a que irá pertencer.

É preciso compreender de que forma essa socialização profissional com os professores iniciantes da zona rural e como as ruralidades presentes no contexto de atuação influenciam nesse processo de socialização.

As expectativas e o ingresso na carreira docente possibilitam vivências e experiências. As vivências são relativas aos acontecimentos da vida e nem toda vivência é experiência. Larrosa (2002, p. 21) chama atenção para a experiência, dizendo que é “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”. São as experiências que provocam transformação.

Matilde também revela as especificidades da docência, iniciante na zona rural fortemente através da escrita do diário, conforme a seguir:

[...]Vou também à Prefeitura saber porque atrasaram o pagamento dos professores contratados. Isso desmotiva muito nós professores que somos contratados, mas eu prefiro não ficar só reclamando do atraso, pois esse contrato foi uma grande oportunidade para mim e para muitas pessoas. (Diário – Matilde – 11/04/2011).

⁵ Ver texto de Dóris Bittencourt Almeida (2005) que levanta uma discussão que ao longo da história da Educação rural houve uma *predestinação rural* de fracasso desse povo.

[...] O que mais me deixa triste é ter que ficar cinco dias sem ver o meu filho. A saudade dele é muito grande que chega a doer. [...] Está difícil ensinar essa semana, pois está chovendo muito e o acesso à escola fica difícil para mim e para os alunos, pois a energia falta um ou dois dias. Tem alunos que moram longe como é o caso de seu J. e L. (Diário – Matilde – 12/04/2011).

Fui buscar meu o filho na cidade, pois ele estava querendo vir pra roça. Eu estava com muita saudade dele e D. [o marido] também. É tão difícil ficar assim longe de meu filho, pois ele é tão importante pra mim. Acho que é o melhor prêmio da minha vida. E tudo que faço é por ele e pra ele. (Diário – Matilde – 13/04/2011).

Querido amigo diário, hoje, quando voltava, passei o maior sufoco. Assim que terminou a aula, eu me despedi dos alunos e descí para casa, era umas 20:15 horas, quando encontrei duas vacas na estrada. Elas começaram a olhar pra mim e cavar o chão. Tive muito medo e percebi que elas estavam assim por causa de Hulk. Hulk é meu cachorro, ele é preto e muito grande. Todos os dias ele vai para escola comigo. Estava chovendo muito, então dei a volta e passei por um atalho direto na casa da minha vizinha M. (Diário – Matilde – 14/04/2011).

Hoje não teve aula. Devido à chuva, os alunos não vieram, então fechei a escola e fui para casa assistir o jornal. (Diário – Matilde – 23/05/2011).

Hoje acordei muito indisposta, com dores no corpo e dor de cabeça. Eu acordo às 5:30 da manhã para ajudar D. [o marido] dar comida às vacas porque é muito cansativo para ele sozinho. Depois que damos comida às vacas, a gente coloca a carroça no burro e vamos cortar cana. D. corta e eu arrumo na carroça. Às 17:30 horas, eu vou para a escola (hoje eles vão responder as atividades na apostila). (Diário – Matilde – 24/05/2011).

Em relação à aprendizagem, eu tive dificuldade por se tratar de uma turma multisseriada, porque aí tem primeiro ano, tem segundo ano, tem terceiro, às vezes, um só do primeiro, um só do quinto. Por essa dificuldade, um aprende mais rápido outro já demora mais, um tem o raciocínio lento, outro já tem mais rápido. Então em relação, assim, à dificuldade de aprendizagem, teve isso, assim, por se tratar de uma sala multisseriada.

Em relação ao salário tem muita dificuldade; a gente não recebe certinho, atrasa assim, dois meses. Aí depois ele paga os dois meses todo de vez, demora de pagar, mas paga. Você faz um compromisso com o dinheiro, chega o dia de pagar, atrasada. Essa parte, assim, é chata. Essas são, assim, as maiores dificuldades, e a gente não tem ajuda de custo nenhuma nem transporte. Em relação à distância não, porque eu já morava lá.

A merenda e o material didático sempre “vai”, e até demais. Eles mandam a merenda que é sempre certinha. Nunca faltou merenda lá na escola. A merendeira é D. que inclusive ela é aluna também. Ela ganha meio salário pra fazer a merenda. Sempre sobra, o que pode perder a gente faz uma cesta básica e dá pra os alunos e o que não vai perder a gente deixa pro próximo ano. E o material didático também não falta, vai lápis, vai borracha, caderno, de tudo. (Entrevista – Matilde).

Uma delas me deixou super chateada, sabia que estamos há dois meses sem receber o pagamento e o mês atrasado só recebemos R\$ 250,00? (Matilde – Carta 4).

Esse mês fiquei muito chateada quando fui receber meu dinheiro, pois só estava na conta R\$ 250,00. Eu me senti injustiçada, pois trabalhei quase dois meses e só recebo isso. Será que meu trabalho não está valendo nada? Não existe uma pessoa ganhar meio salário. Eu já acho injusto pagar uma merendeira R\$ 250,00, elas tem o direito de ganhar um salário mesmo que seja contratada. (Diário – Matilde – 26/05/2011).

Na prática, os saberes se revelam e também os obstáculos. Diferente de Cientista, Matilde iniciou sua carreira docente na zona rural, sem a formação adequada a essa função e na condição de contratada, demonstrando impasses não comuns à realidade dos iniciantes. Nesse sentido, Tardif (2002) aponta que existe o tempo da aprendizagem, que os professores aprendem com o tempo, em sua própria prática. As competências para ensinar também são adquiridas com o passar dos anos, a partir da experiência, é dessa forma que o professor evolui na carreira. Segundo ele, é buscando que se adquire saberes, resultantes no desenvolvimento profissional. Sobre os professores em condições precárias, como é a de Matilde, aponta que:

O saber profissional possui também uma dimensão identitária, pois contribui para definir, no professor regular, um compromisso *durável* com a profissão e a aceitação de todas as suas conseqüências, inclusive as menos fáceis (turmas difíceis, relações às vezes tensas com os pais etc.). No professor contratado, essa dimensão identitária é menos forte, pois ele é arrastado de lá para cá; seu compromisso com a profissão existe certamente, mas as condições frustradoras com as quais ele se depara continuamente colocam-no numa situação mais difícil nesse aspecto: ele também quer se comprometer, mas as condições de emprego o repelem constantemente (p. 99, 100).

As condições de docentes contratados têm relação direta com a construção da identidade profissional. No caso de Matilde, diferente de Cientista, pois se depara com os seguintes problemas que estão articulados: 1) é contratada; 2) não tem a formação mínima para atuar como professora; 3) é iniciante; 4) atua na zona rural. Tudo isso leva a construções identitárias e, conseqüentemente, saberes, profissionalismo, diferenciados. O estudo de Ferreira (2010) mostra que a contratação de professores, para a zona rural, dificulta o conhecimento da escola e dos alunos, pelo professor, por causa da rotatividade constante que se torna mais comum nesses lugares. Mesmo com essas adversidades, Matilde optou por não reclamar, pois a compensação é a oportunidade de ensinar, ser professora, mesmo sem possuir a devida formação. Ela é mobilizada pelas possibilidades.

Nesse contexto, destaco que ela assume uma docência peculiar ao gênero feminino – reafirmando o que Gonçalves (1992) aponta, homens e mulheres constroem carreiras diferenciadas, porque as histórias de vida, marcadas pela historicidade do sujeito, vão delineando os caminhos da docência. Matilde, pelo fato de ser mãe, apresenta divergências em relação a Cientista, nos aspectos relativos ao desenvolvimento da carreira. O fato do filho morar com a sua mãe provoca-lhe sentimentos de dor.

A esse respeito, discorre que permanece na zona rural durante os cinco dias da semana, durante esse tempo fica longe do filho, conseqüentemente, não participa de sua educação. Nisso, diferencia-se de Cientista que vai para o

trabalho e retorna para casa todos os dias e não tem filhos. São carreiras construídas de formas diferenciadas. A vida vai encaminhando cada um para uma direção, para uma construção. O fato de ficar longe do filho influencia nessa construção, pois a mistura entre ser mãe, estando distante e professora iniciante da zona rural é marcada pela expressão de dor e saudade. Se ela fosse uma professora iniciante da zona urbana, os sentimentos seriam outros e, certamente, os caminhos percorridos também.

É perceptível que faz parte do cotidiano do professor rural, mudar sua rotina e seu planejamento devido a fatores como: O difícil acesso à escola, a distância, as condições climáticas, já que, em épocas chuvosas, com o aumento da lama, amplia o perigo já existente nas estradas, provocando também a queda da energia elétrica. Isso comprova que as condições de desenvolvimento do trabalho docente na zona urbana ocorrem com mais facilidade e frequência do que na zona rural. São contextos diferentes que definem carreiras, demarcam territórios de aprendizagem e espaços de formação. Essas ruralidades atravessam a formação. E com Matilde, a realidade não foi diferente. Vivenciou todos esses obstáculos.

Continuando a narração de sua trajetória, rememora o “sufoco” que passou durante o percurso para o trabalho, como a existência de vacas, situações de periculosidade, a solidão, o medo que, muitas vezes, sentia e o fato de poder contar apenas com o seu cão. Em consonância com essas angústias, revividas pela colaboradora, Jesus (2003, p. 37), num relato sobre a docência, iniciada na zona rural, fala que “tinha medo das caminhadas solitárias e do que poderia encontrar depois de uma curva na estrada”. Isso retrata bem o que um docente de escola rural está propenso a enfrentar. Também mostra que a participação em cursos de formação para professor está longe de possibilitar essas aprendizagens. Segundo Jesus, ainda referenciando uma colaboradora diz: “sinto por nossos cursos ainda não formarem professores (as) autônomos para atuarem junto às diferentes realidades com as quais irão interagir” (p. 37).

Além de exercer atividade profissional fora do lar, mesmo enfrentando tantos entraves, Matilde cumpre outra rotina que é compartilhada com seu esposo, ajuda-o “na roça”, por isso, acorda cedo, certamente cuida dos afazeres domésticos, ou seja, desenvolve uma jornada tripla. A luta dela é revelada através do cotidiano que limita suas possibilidades, mas que não a impede de aprender e de formar-se.

A respeito dos alunos, Matilde aponta como uma das dificuldades enfrentadas o fato da classe em que lecionava ser multisseriada e reconhece que não sabia lidar com as especificidades dessa turma, mas que conseguiu realizar o seu trabalho. A sala multisseriada também fez Matilde perceber as variações e ritmos de aprendizagens dos alunos e desenvolver seu ofício, conforme o ritmo de cada um.

Aponta ainda as dificuldades referentes à remuneração, o atraso, o valor (R\$ 250,00), a falta de auxílio transporte. Isso somado às precárias e inadequadas condições de trabalho, difunde a desvalorização, a desprofissionalização e o descaso com os profissionais atuantes nesse espaço. Matilde aprendeu a ser professora sendo, na vida, na lida e na profissão. Sem formação e sem experiência, aprendeu a lidar com os alunos e a “se virar” com o que tinha na escola para ajudar os alunos a aprenderem.

Os dilemas foram vivenciados por Cientista e Matilde nesse começo, e segundo Zabalza (1994, p. 56), dilema é “um conjunto de situações bipolares ou multipolares que se apresentam ao professor no desenrolar da sua atividade profissional”. Dessa forma, o professor com o dilema, vivencia situações com duas saídas difíceis. São saídas opostas e o professor precisa escolher uma delas. A formação dos professores, segundo Caetano (1997), deve ser centrada nesses dilemas, pois eles promovem aprendizagens e inquietações, essas, por sua vez, promovem a mudança.

Matilde, no exercício da docência, mantinha uma relação com os alunos, conforme narrativa a seguir:

Por ser zona rural eu esperava encontrar alunos bem assim, com mais dificuldade, mas não foi bem assim não. Tem aqueles assim com mais dificuldade, você vai passar uma tarefa eles ficam dizendo assim: “Ah, ô professora eu num aguento, minhas vistas não tá dando pra enxergar de longe não, e você sabe que é manha de aluno. Eu trabalho, à noite, de 5 às 9 horas, aí encontrei, assim, um pouco de dificuldade. Elas [as alunas] sempre chegam atrasadas, nunca chegam na hora, e eu tinha medo de falar com elas porque esse povo da zona rural são criados de um jeito diferente que a gente. Qualquer coisa eles ficam com raiva. Às vezes podem ficar magoados, achando que a gente trata um aluno melhor do que o outro. Então eu ficava com receio, assim, de falar com elas por causa dos atrasos. Com jeito eu fui conseguindo falar com elas, que elas, por causa do atraso, acabavam atrasando os outros colegas. Que não podia passar pros outros porque depois eu teria que passar pra elas, e assim acaba atrapalhando os outros alunos. Com o tempo, eu consegui falar com elas e elas mudaram isso. [...]. Pra mim, é bom, porque até mesmo eu já acostumei com eles. São pessoas muito boas, têm muito carinho por mim. São pessoas muito educadas, respeita muito. Tudo que eu falo eles me respeitam. Então, pra mim, mesmo que precisasse vim pra cá e tivesse de ir pra lá todo dia, eu faria esse sacrifício. Pra mim, porque é muito gratificante. Apesar da dificuldade é muito bom você dar aula na zona rural. (Entrevista – Matilde).

Acordei cedo para cuidar dos meus trabalhos de dona de casa, porque mais tarde vou a casa do meu aluno para saber porque ele tem faltado. (Diário – Matilde – 14/06/2011).

A respeito da relação com os alunos, Cientista também expressa suas expectativas:

Sou fácil de me relacionar com qualquer pessoa, não acho que por eu ter vindo da zona rural facilitou a minha relação com meus alunos. (Cientista – Carta 5).

Tenho alunos adultos e todos motivados a aprender, ensino em turma mista onde a vontade de ler e escrever é grande, e isso é para mim, prazeroso e gratificante. (Cientista – Carta 8).

Quanto às dificuldades, Matilde discorre sobre as relacionadas ao atraso dos alunos e a interferência desse fato para a aprendizagem dos demais discentes; fala também sobre os entraves relativos à relação professor-aluno, o diálogo, levando em consideração as diferenças individuais. Mas exalta algumas características dos alunos, tais como, o respeito e o carinho que estes

dispensavam a ela. Enfatiza a satisfação ao realizar o trabalho docente, apesar dos problemas encontrados. Fala de uma característica do professor da zona rural, que deixa seus afazeres para visitar um aluno faltoso.

Quanto a Cientista, ressalta a facilidade de se relacionar com as pessoas que vivem na zona rural. Porém, no início de sua carreira, a relação professor-aluno foi um dos desafios que teve que superar. Então refere-se aos seus alunos como uma turma motivada a aprender e que isso facilitava seu trabalho. Reconhece que essa vivência possibilitou aprendizagens que lhe permitirá desenvolver um trabalho docente em lugares diversos.

Quanto a isso, Tardif (2002, p. 68), afirma que:

A experiência inicial vai dando progressivamente aos professores certezas em relação ao contexto de trabalho, possibilitando assim sua integração com o ambiente de trabalho, ou seja, a escola, a sala de aula. Ela também vem confirmar sua capacidade de ensinar.

Essas primeiras experiências do ciclo da carreira profissional envolvem a construção de sentimentos, como segurança e confiança que são edificados no espaço escolar e na sala de aula. As relações com os alunos são parte indissociável desse processo. A competência para lidar com o outro é uma das mais importantes características docentes para atuação na zona rural.

As escolas rurais, lugar de trabalho e contexto de formação desses professores, são citadas em seu espaço físico e sua estrutura, como lugares em bom estado de conservação e que têm condições, portanto, de contribuir na aprendizagem dos alunos. Essas escolas se configuram como lugares de construção de conhecimentos e socialização, lugares de aprendizagem e espaços de formação onde estes aprendem um novo modo de pensar, agir e fazer.

Foram pessoas que invadiram, ficam um tempo na terra, depois foram tirados de novo e depois voltaram, era um acampamento. É uma escola normal, tijolo, tinha três janelas, mais não era ventilado não. Minha sorte que só trabalhava a noite. (Entrevista – Cientista).

É uma escola mesmo, num terreno de um proprietário lá, inclusive o nome da escola é uma homenagem ao pai dele, seu Brasilino. A escola é boa tem um banheiro, que está em bom estado, tem a cozinha toda arrumadinha, tem armário, tem um fogão, só não tem geladeira, tem a pia arrumadinha. A escola é toda arrumadinha e qualquer reparo que tem assim no telhado mesmo é só chamar que eles vêm. Às vezes arruma, as vezes não, mas a escola está assim num bom estado. De todas as escolas da zona rural acho que a melhor é a minha e de uma colega. (Entrevista – Matilde).

Sobre a escola rural de Portugal, Amiguiño (2008) questiona: “Escola em meio rural: uma escola portadora de futuro?” Ao responder que futuro a escola do meio rural pode conter diz que:

Em que medida a inserção local da escola ou a tentativa da sua “relocalização” se repercutiram:

a) Na transformação e na mudança da escola ou no seu desenvolvimento como pequena estrutura em contextos de parcerias locais;

- b) Na transformação e na mudança dos contextos ou do espaço social rural, enquanto territórios em perda e em dificuldade;
 - c) Na formação e no desenvolvimento profissional ou na reconstrução de identidades pessoais, sociais e profissionais dos professores;
 - d) Nas condições e meios de aprendizagem, formação e desenvolvimento das crianças?
- Foi deste modo que interrogámos um processo inovador que visava ainda fazer evoluir as práticas de formação da “forma escolar” para a “forma educativa” (AMIGUINHO, 2008, p. 17-18).

O autor chama a atenção para a necessidade de reinventar a escola e tomá-la como espaço de formação, desenvolvimento profissional e construção de identidades pessoais, sociais e profissionais. A escola rural é portadora de muitos problemas, mas isso não tira dela o status de território de aprendizagem. Com todos os percalços, ela ainda sobrevive e participa do processo onde se desenvolvem práticas de formação de professores.

Na expectativa desses professores, as aprendizagens também devem ser buscadas na perspectiva da continuidade dos estudos, ou seja, o ensino superior. Cientista narra com entusiasmo sobre isso:

Terminei o ensino médio e continuei a trabalhar alguns anos. Depois fui para Vitória da Conquista. Às vezes sentia vontade de fazer faculdade, mas não sabia qual o curso tinha mais aptidão. Com o passar dos anos pensei em fazer Engenharia Mecânica (área que atuo também), porém não sei se era oferecido o curso em uma localidade próxima. Também pensei em Administração, que também fazia parte da minha realidade, tinha pólo próximo, mas sempre adia por um motivo ou por outro. Quando passei no concurso, vi a necessidade de fazer uma licenciatura e agora estou à procura disso, do curso de licenciatura que tenho aptidão. (Cientista – Carta 7).

Ano que vem estou retornando aos meus estudos, e espero estar cada vez mais preparado para poder cada vez mais passar o que sei. (Cientista – Carta 8).

Já passei no vestibular para Educação Física e começo a estudar em fevereiro de 2012. A área foi escolhida por aptidão e estou ansioso para iniciar as aulas. Realmente tenho alguns projetos em mente, mas não gosto de programar nada a longo prazo, prefiro ir fazendo pequenos planos que podem ser colocados em prática. Agora é curtir as férias e aguardar a faculdade ano que vem. Ainda não sei em que turma irei lecionar no próximo ano, mas já queria lecionar Educação Física. (Cientista – Carta 9).

Matilde também criou expectativas em relação à continuidade dos estudos e a formação, conforme descrito abaixo:

Eu penso, inclusive eu já fiz até inscrição, vai começar em 2013 é pra...esqueci o nome...é pra sala de crianças especiais, que tem problemas mentais, educação especial. Na verdade, é um curso. Não é faculdade. Eu ia fazer pra Pedagogia eu fiz a inscrição de um que ia ter lá em Itapetinga, eu fiz pela internet, mas ai ficou sem resposta não sei nem o que aconteceu. (Entrevista – Matilde).

A perspectiva de continuar os estudos faz parte da constituição desses professores iniciantes como profissional. Vale ressaltar que o conhecimento

acadêmico é importante para a melhoria do ensino e a aprendizagem permanente compõe o ciclo de vida profissional do docente, pois segundo Day (2001, p. 15), “o sentido do desenvolvimento profissional dos professores depende das suas vidas pessoais e profissionais e das políticas e contextos escolares nos quais realizam a sua atividade docente”. A continuação do processo de aprender deve fazer parte da condição docente. Assim, esses colaboradores demonstram que o curso superior é desejado e buscado.

Matilde não focaliza a razão de não ter conseguido continuar o seu estudo. Quanto a essa questão, Arroyo (2007) chama a atenção para a necessidade de mudança, pois, atualmente, tem crescido a criação de programas/cursos de formação docente e, conseqüentemente, a exigência desta para professor (em formação). Mas, paralelo a isso, o autor aponta que essa mudança não ocorre porque não há uma aproximação entre formação, condição e trabalho docente, uma valorização da formação paralela ao trabalho desenvolvido, nem uma condição para o desenvolvimento do mesmo. Pensar que a formação (institucionalizada) vai resolver todos os problemas dos professores é um equívoco. A formação é só um fator da profissionalização. Não se pode pensar numa condição docente pronta, numa formação que vai servir para a vida toda do mesmo jeito, num conhecimento acabado. O autor chama a atenção para pensarmos sobre trabalho e a condição docente e, a partir desses pontos, refletirmos sobre a formação. Se a ordem fosse essa última desde o início, já existiria, há muito mais tempo, cursos de Licenciaturas em Educação do Campo ou outros que abrangessem as especificidades de cada contexto. Também trataríamos de “dar mais atenção à forma como os professores e as professoras experimentam sua condição e seu trabalho, o que falam de si mesmos; como constroem suas identidades coladas ao trabalho” (Arroyo, 2007, p.193). Pensaríamos em práticas de formação inicial e continuada de professores que ajudassem na construção de práticas e saberes que incluíssem as peculiaridades desses contextos diferenciados. O autor ainda aponta que seria necessário:

Dedicar mais tempo a perguntar-nos como são vividos a docência, o trabalho docente, a história de sua formação, as tensões e os impasses da docência na educação básica, sobretudo pública popular, nas escolas do campo, indígenas, quilombolas, a docência na EJA, na educação da infância... Saber mais sobre a docência para a qual se prepara, seria um dos saberes mais formadores; seria o norteador para a conformação do currículo de formação (Arroyo, 2007, p. 194).

Progredir para a aquisição/produção de conhecimentos que irá contribuir para a prática docente é o desejo de Cientista e Matilde. Pensar num curso de licenciatura é a ratificação de que a melhoria da docência precisa ser buscada.

Nessa perspectiva, Cientista e Matilde demonstraram a aprendizagem da docência e aprendizagens da docência rural. Não evidenciaram um choque cultural por causa da zona rural, pois as ruralidades atingem a uns e a outros com maior ou menor intensidade. O choque com a realidade das escolas rurais e de um sistema de ensino precário também não foi percebido. O início da carreira de Cientista e Matilde, mesmo com as dificuldades citadas, foi enfrentado com tranquilidade.

Considerações finais

A partir da discussão proposta anteriormente, entendemos que esses professores enfrentam dificuldades que perpassam pela fragilidade da formação inicial e continuada, por atuarem numa classe multisseriada de Educação de Jovens e Adultos e por atuarem em condições precárias. Assim, muitos fatores diferenciam o início da docência em outros espaços, do início na zona rural e são identificados como ruralidades que atravessam essa experiência profissional sendo a instabilidade e insegurança de iniciantes que são agravadas pelas condições de trabalho; os sentimentos gerados em torno dessa problemática; atendimento as classes multisseriadas; a produção de saberes do mundo rural e aprendizagens desse contexto; enfrentamento de condições climáticas adversas que impedem, muitas vezes, a manutenção da aula; alto custo do transporte; disponibilidade de tempo para sair de casa mais cedo ou morar na zona rural, longe da família; satisfação com o trabalho em meio as dificuldades etc.

Destaco que são dois professores iniciantes da zona rural, que além de desvendarem peculiaridades do contexto rural, ainda revelaram peculiaridades de cada um deles no contexto rural. Vale salientar a importância de tratar as diferenças culturais existentes nesse contexto como importante, mas não elevá-la em relação à questão das desigualdades sociais, pois o princípio da igualdade e da diversidade deve ser considerado para a construção da educação do campo e não somente as diferenças. Foram latentes também nas narrativas as diferenças de gênero nos modos de ser, de escrever, de narrar e de viver a docência.

A invisibilidade social dos sujeitos rurais foi mostrada nas narrativas desses professores iniciantes que descreveram aspectos inerentes ao contexto rural, tais como: a rotina, a lida na roça, o trabalho social (solidário), a forma como esses sujeitos aprendem e ensinam, o modo de se relacionar e de socializar seus conhecimentos. O silenciamento desses professores que “fazem sacrifícios” para ajudar seus alunos, se esforçando para minimizar suas dificuldades, foi exposto, salientando que muitas políticas públicas de atendimento a essa população ainda não saíram do papel, nem a lembrança da existência desses sujeitos pode ser percebida, através de ações governamentais.

Referências

- Almeida, D. B. (2005). A educação rural como processo civilizador. In: Stephanou, M.; Bastos, M. H. C. (Orgs.). *Histórias e memórias da educação no Brasil*. Vol. III – Século XX. Petrópolis: Vozes. p.278-295.
- Amiguiño, A. (2008). Escola em meio rural: uma escola portadora de futuro? *Educação, Revista do Centro de Educação*. Santa Maria, v.33, n.01, p. 13-34.
- Arroyo, M. (2007). Condição docente, trabalho e formação. In: Souza, J. V. A. de (Org.). *Formação de professores para a Educação Básica: dez anos da LDB*. Belo Horizonte: Autêntica. p. 191-209.
- Caetano, A. P. (1997). Dilemas dos professores. In: Estrela, M. T. (org.). *Viver e construir a profissão docente*. Porto: Porto Editora, p.191-221.

- Day, C. (2001). Desenvolvimento profissional de professores: os desafios da aprendizagem permanente. Porto: Porto.
- Ferreira, L. G. (2010) Professoras da zona rural: formação identidade, saberes e práticas. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade. Universidade do Estado da Bahia: Salvador.
- Freitas, M. N. de C. (2002). Organização escolar e socialização profissional de professores iniciantes. Cadernos de Pesquisa. n.115, p. 155-172.
- Gonçalves, J. A. M. (1992). A carreira das professoras do ensino primário. In: Nóvoa, A. (Org.). Vidas de Professores. Porto: Porto Editora. p. 141-169.
- Huberman, M. (1992). O ciclo de vida profissional dos professores. In: nóvoa, A. (Org.). Vida de professores. 2 ed. Porto: Porto Editora, p.31-61.
- Jesus, R. de F. (2003). Sobre alguns caminhos trilhados... ou mares navegados...Hoje, sou professora. In: Vasconcelos, G. A. N. (Org.). Como me fiz professora. 2 ed. DP&A, p. 21-41.
- Larrosa, J. (2002). Notas sobre a experiência e o saber de Experiência Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Mar/Abr, nº 19. p. 20-28
- Menegati, R. A.; Hespanhol, R. A. M. (2005). Nova ruralidade? Contribuições para a compreensão do espaço rural no município de indiana/SP. In: III Simpósio Nacional de Geografia Agrária – II Simpósio Internacional de Geografia Agrária - Jornada Ariovaldo Umbelino de Oliveira. Anais ... Presidente Prudente, p.1-8.
- Pimenta, S. G. (2007). Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: _____ (Org.). Saberes pedagógicos e atividade docente. 5 ed. São Paulo: Cortez. p. 15-34.
- Ribeiro, N. M.; Souza, E. C. de. (2011). Aprendizagem da docência em Língua Portuguesa nos anos iniciais da carreira: narrativas, tempos e movimentos. In: Souza, Elizeu Clementino de (Org.). Memória, (auto)biografia e diversidade: questões de método e trabalho docente. Salvador: EDUFBA. p. 161-184.
- Tardif, M.; Lessard, C.; Lahaye, L. (1991). Os professores face ao saber. Esboço de uma problemática do saber docente. Teoria & Educação, nº 4, Porto Alegre: Pannônica. p. 215-233.
- Tardif, M.; Lessard, C.; Lahaye, L. (2002). Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes.
- Zabalza, M. A. (1994). Diários de aula: contributo para o estudo dos dilemas práticos dos professores. Porto: Porto Editora.